



VIDA  
DE  
HENRIQUE  
SUSO  
DE CORDERO DA PRAIA  
E  
DAS LACRIMAS  
N. SENHORA  
P. M. LEZ DE S...



Universidade de Coimbra  
Faculdade de Letras



1317774012



V I D A  
D O B E A T O  
H E N R I Q U E  
S U S O

Da Ordem dos Prégadores,  
*Traduzida de Latim em Portuguez:*

CONSIDERAÇOENS  
D A S L A G R I M A S  
D E  
N. SENHORA,

E OUTRAS OBRAS EM PROSA,  
e em verso, que andavaõ disperfas.

C O M P O S T A S

Por Fr. LUIZ DE SOUSA

Religioso da dita Ordem.

*A que se ajuntou a Vida do mesmo Autor  
Juizo sobre os seus Escritos.*



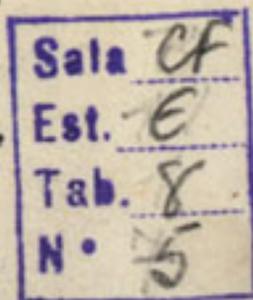
L I S B O A ,

= N.º 8.077 =

Na Offic. de MIGUEL RODRIGUES,  
Impressor do Emin. Senhor Card. Patriarc.,

M. DCC. LXIV.

Com as licenças necessarias, e Privi-  
legio Real.



V I D A  
D O B E A T O  
H E N R I Q U E  
S U S O

Do Orden dos Pregadores,  
Traducto de Latin em Portuguez

CONSIDERACOENS  
D A S L A G R I M A S

D E  
N. SENHORA

E OUTRAS OBRAS EM PROSA,  
e em verso, que andavaõ dispersas

COMPOSTAS

Por F. LUIZ DE SOUZA

Revisão da dita Orden

A que se assignou a Villa de Lisboa, e a qual  
foi feita no anno de 1774.



1774

L I S B O A  
Na Offic. de MIGUEL RODRIGUES  
Impressor de Sua Magestade, e do Real

M. DCC. LXXIV

Com as licenças necessarias, e Privilegio  
Real.

Sols
Est.
Tab.
N.º

V I D A  
DO PADRE  
Fr. LUIZ DE SOUSA,  
*e Juizo sobre os seus Escritos.*

**N**O Avizo, que pozémos ao principio da Vida do Veneravel Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, que sahio impressa em Janeiro deste anno, dissemos que logo despois determinavamos publicar a Vida do Beato Henrique Suso, e ajuntarlhe as devotissimas Consideraçoes das Lagrimas de nossa Senhora, e algumas obras Latinas, que andavaõ soltas, tudo producção bem digna do insigne Autor da Vida do mesmo Veneravel Arcebispo: e que alli lhe ajuntariamos tambem huma breve noticia da Vida do mesmo Autor, e dos seus Escritos, e o Juizo sobre elles. Agora vamos satisfazer esta promessa.

Fr. Luiz de Sousa , que no seculo se chamou Manoel de Sousa Coutinho , ( 1 ) foi quinto filho de Lopo de Sousa Coutinho , Fidalgo illustrissimo do tempo do Senhor Rey D. Joaõ III , e que pelas suas virtudes , talento , e erudiçaõ mereceu lugares mui distinctos na vida militar , e conciliou universal respeito da Corte : e de D. Maria de Noronha filha de D. Fernando de Noronha , Capitaõ de Azamor. Logo nos primeiros annos mostrou Manoel de Sousa grande viveza , e genio singular para os estudos , e muito em particular para as Bellas Letras , que cultivou maravilhosamente , e com taõ prodigioso fructo , como o fazem ver os seus Escritos. Passou a estudar Direito á Universidade de Coimbra , como o tinhaõ feito todos seus irmaõs , naõ dispensando seu pai nesta parte nem ainda o primogenito. E perguntando-se-lhe a razã

( 1 ) Fr. Antonio da Incarnaçaõ na Vida de Fr. Luiz de Sousa , que vem ao principio do Segundo Tomo da Chronica.

zaõ de o querer assim ? respondeu discretamente : *Que mal lhe tinha feito aquelle filho , para o deixar ignorante ?*

Naõ proseguio os estudos na Universidade ; antes deixando-os logo , entrou na Religiaõ de Malta. E fazendo viagem para esta Ilha , ao sahir da de Sardenha , aonde obrigado de hum grave temporal , e quazi derrotado de todo tinha ido arribado , foi cativo de hum Corsario de Mouros , e juntamente seu irmaõ André de Sousa Coutinho , Cavalleiro tambem da mesma Religiaõ. Levado a Argel , alli achou entre os cativos o illustre , e ingenhozissimo Miguel de Cervantes , com quem logo contrahio estreita amizade. Em testemunho della o introduzio Cervantes em hum Epizodio da sua celebre Novella dos *Trabalhos de Persiles , e Segismundo*. Ajustando-se Manoel de Sousa Coutinho com o Commandante do Corsario em que , ficando seu irmaõ André de Sousa retido no cativoiro , viesse elle

#### IV

elle á patria negociar o resgate de hum , e outro , passou para Valença em Hespanha no anno de 1575 , julgando que este lugar era commodo para dalli effectuar o a que viera. Aqui teve a triste noticia da infeliz morte de seu pai , que havia succedido em Janeiro deste anno. He successo admiravel , mas verdadeiro. Indo a desmontar-se d'hum cavallo , ( na Villa de Póvos ) desembainhou-se-lhe a espada : com o movimento que fez ao cahir , ficou de sorte , que forcejando ou para a desviar , ou para a ter maõ ; ella o ferio taõ gravemente , que alli falleceu logo em 28 do dito mez. Jaz na Capella mór da Igreja Paroquial do Salvador da Villa de Santa-rém , de que era Padroeiro , e juntamente sua mulher D. Maria de Noronha.

Estabelecido Manoel de Sousa em Valença , procurou logo o celebre Jaime Falcaõ , cujos estudos eraõ de grande fama em toda a Hespanha , e cujo merecimento Manoel de

de

de Sousa affirma achára ainda maior do que a mesma fama. Dois annos, que alli se deteve, tratou sempre com grande amizade aquelle sabio homem; venerando-o como pai, e honrando-o como mestre. Elle lhe explicou para sua melhor instrucção a Arte Poetica d' Horacio; o que Manoel de Sousa confessa lhe servira de estimulo para tornar ao estudo da Poezia, que havia deixado. Esta explicação se acha no fim das obras do mesmo Jaime Falção, e nella se mostra clareza, e bom conhecimento do verdadeiro sentimento do Poeta.

Negoceado em fim o seu resgate, e o de seu irmão, voltou para o Reino, e para a Corte, sem que tivesse professado na Religião, que dissemos. Diz-se que tivera razoes forçozas para assim o fazer. Então casou com D. Magdalena de Vilhena, filha de Francisco de Sousa Tavares, Senhora, que fora mulher de D. João de Portugal, filho de D. Francisco de Portugal, primeiro Conde

## VI

Conde de Vimiozo, o qual havia ficado na infeliz batalha de Alcacer. Assistia na Villa de Almada, vivendo como bom Cidadão, e cultivando os estudos das Bellas Letras com seus amigos que tinhaõ o mesmo gosto, instituindo, para o fazer melhor, huma Sociedade literaria: e era Coronel de 700 Infantes, e quasi 100 Cavallos naquelle districto.

Por causa do mal da peste, com que Deos ferio Lisboa no anno de 1577, passaraõ os Governadores, que entaõ eraõ do Reino, a rezidir em Almada, por ser terreno mais desafogado, e limpo de toda a corrupçaõ. Eraõ elles (1) D. Miguel de Castro Arcebispo de Lisboa: D. Joaõ da Silva quarto Conde de Portalegre, Mordomo mór: D. Francisco Mascaranhas Conde de Santa Cruz: D. Duarte de Castello Branco, primeiro Conde do Sabugal, Meirinho mór do Reino: Miguel de Moura, Escrivaõ da Puridade.

(1) Histor. Geneal, tom. 6. pag. 338.

dade. Repartiraõ entre si as casas da Villa , que lhe pareceraõ mais commodas para cada hum : e naõ obstante terem outras , que lhes podiaõ servir igualmente bem , ordenaraõ a Manoel de Sousa Coutinho despejasse as suas. Assentou elle que a ordem era injusta ; antes nascida de antigo odio , que agora queriaõ satisfazer , abuzando da authoridade publica , para vingança particular. Foi extraordinaria a paixãõ , que Manoel de Sousa concebeu vendo hum tal procedimento ; e deixando-se levar della , rompeu na arrojada determinaçãõ de lançar fogo ás casas : elle mesmo o diz assim ( 1 ) : *Cum vehementer animo commotus essem , nova , et inaudita metamorphosi indignantes parietes injuria subduxi ; in fumum , et cineres abiere.* Partio logo para Madrid a informar o Principe do procedimento , de que se usara para com elle , e do modo porque elle mes-

( 1 ) Præfat. Oper. Jacob. Falc. de quib. infra,

dem imaginar em todas as figuras, & feiçoens de cousas. O coração juntamente lhe ardia em desejos, & juntamente se satisfazia, o espirito estava de todo desfombrado, & aprazivel, o appetite, & eleição não obravão, antes jazião como sepultados em profundo sono, somente applicava com cuidado os olhos da alma empregandoos naquelle raio resplandecente, & clarissimo onde de si, & de tudo o da vida perdia a memoria. De maneira que não sabia se era dia, se noite. Foi isto sem duvida hum gosto que brotou da eterna vida segundo a experiencia que Fr. Henrique depois teve em tempos de mais paz, & quietação, & assi dizia elle depois. Se aquillo não he a gloria do reino dos Ceos, eu me resolvo que não sei que cousa he *Reino dos Ceos*. Porque tudo quanto hum homem pode padecer de trabalho nesta vida não basta de rezão, nem de justiça para merecer hũa tal gloria avendoa de lograr pera sempre: Durou-lhe este extasis hũa hora, & mea, sem saber atinar se tivera neste espaço a alma no corpo, ou fora d'elle. Mas tornando em si andava tal, que parecia homem, que vinha do outro mundo, & sahio dali tão quebrantado, & cheo de dores que lhe parecia que não podia ninguem passar tantas em termo tão breve ainda que fosse

na

na hora da morte. E tanto que foi estãdo mais em si, & cobrando forças dava huns suspiros, que se lhe arrancavão do mais profundo da alma, & sem se poder ajudar caia por terra, como acontece aquelles, que por falta de forças se desmaião. Gemia lastimosamente, & dando ais que arrancava das entranhas, dizia desta maneira: O meu Deos onde estava eu, & onde me acho agora. O summo bem meu, meu bem principal não averà já mais cousa que possa levar de minha alma a memoria desta hora. No corpo estava, & nelle vivia, & andava, & todavia não ouve ninguem que de fora visse, ou entendesse delle cousa alguma destas, com andar tal, que trazia a alma chea de visões celestiaes, & no mais secreto della se lhe abrião resplandores divinos que a penetravão por toda a parte, de maneira que lhe parecia, que andava pelos ares: finalmente em todas as partes principaes da alma lhe ficou aquelle bom sabor, & gosto celestial (como vemos em hum vaso que servio de licores cheirosos, que não perde o cheiro ainda depois de vazio) & durandolhe depois muito tempo foi meo de espertar em seu espirito huma celestial sede, & saudade de Deos.

## CAPITULO III.

*Como o Beato Fr. Henrique celebrou  
Esposorio espiritual com a Sabedoria eterna.*

**A** Ordem de vida que Fr. Henrique costumou por grande discurso de tempo nos exercicios espirituaes que usava, era hum aturado desejo de gozar perpetuamente da vista, & presença de Deos, & juntamente tratalo, & conversalo com familiar communicação. O principio que teve este desejo se achará nos livros que elle mesmo compos da Sabedoria eterna em Alemão. Era o Santo de sua natureza mui afeiçoado, & desde sua mocidade teve esta inclinação: & Deos na Sagrada Scriptura, onde falla de si com nome de Sabedoria eterna não se offerece menos que por hũa amiga muito vencida de amores, que se enfeitava, & atavia ricamente pera agradar a todos, usa de palavras, & gestos amorosos pera levar tras si as almas, logo aponta os enganos, & pouca firmeza de outras amigas representando de sua parte grande constancia, & lealdade em amar. Estas cousas tiravão pello animo juvenil, como

como dizem da onça que com a suavidade do cheiro que naturalmente de si lança obriga os outros animaes a buscaremna. Os livros em que mais se usa deste termo, cujo intento he com brandura, & suavidade levantar nossa alma ao amor divino, são os de Salamão, & da Sapiencia, & do Ecclesiastico: os quais lendo se no refeitório, & ouvindo o Santo hum dia as palavras brandas, & namoradas da Sapiencia, encheose todo de alegria em sua alma, & começou a namorar, & perderse por ella; & ardendo neste cuidado fallava desta maneira consigo: Eu sem duvida provarei minha ventura, & verei se a tenho com esta fermosa Senhora, de que se contão cousas tão soberanas para merecer seu amor, & gozar de tão nobre companhia, pois Deos foi servido dar-me hum coração vivo, esperto, & riguroso. E nesta idade não he possível que viva eu sem o empregar em algum amor. Com estes pensamentos andavase tras ella espreitandoa por toda a parte, & buscandoa muitas vezes, & outras tantas se communicava o Senhor a sua alma, & lhe fazia asaz favores. Estando hũa vez na mesa ouvio que se lião estas palavras da Sapiencia. *A sabedoria he mais fermosa que o sol, & comparada sobre toda a ordem das estrellas com a luz*  
inda

inda se acha que lhe tem ventagem, esta amei, & busquei com cuidado desde minha mocidade, & busqueia pera a tomar por esposa, & fisme amante de seu gosto. Por esta terei nome no povo, & honra entre os mais velhos, por esta serei immortal, & deixarei memoria perpetua aos que ãode vir despois de mim. Entrando em minha casa descansarei com ella: porque sua conversação não he pezáda, nem sua companhia enfada, antes dá gosto, & alegria. Com sabedoria fundou o Senhor a terra, com prudencia fortaleceo os Ceos, de seu saber sairão os abismos, & as nuvens se congelão com orvalho. Quem a alcançou passou confiadamente seu caminho, & o seu pé não tropeçará, se dormir não averá medo, & o seu sono será descansado. Ouvindo estas palavras, & outras a este modo todas cheas de doçura ficou com o coração abrasado, & revolvendoas no pensamento fallava desta maneira consigo. O verdadeiramente nobre, & escolhida amiga. O se por dita pudera acontecer querer ella sello minha: que bem andante, que ditoso seria. Mas logo o espantavão imaginaçoens contrarias, que lastimandoo interiormente lhe dezião. Como vos ade caber no pensamento amar o que nunca vistes? Como podereis querer bem a quem

quem nunca conhecestes ? Não sabeis vòs que melhor he hum pequeno punhado certo , & desembaraçado , que a casa cheia com duvidas ? quem fabrica edificio alto , & grangea amizade de grande Senhor estando longe de ser seu igual , este tal as mais das vezes se acha enganado em sua esperança , & cheo de miseria , & fome , larga o negocio. Bem confesso que não fora pera engeitar o amor desta dama se ella consentira a seus servidores trataremse bem , & levarem boa vida , mas ella estavos dizendo : Quem folga com vinho , & com grossura não sera sabio. E diz mais : Até quando dormiràs preguiçoso , quando às de acabar de te levantar desse sono ? Pouco dormiràs , pouco estaràs sonorento , menos tempo juntaràs as mãos pera descansar , & dará contigo a miseria como hum correo , & a pobreza como homem armado. Vede pois se ouve alguma hora quem possesse tão rigurosas leis a seus amantes ? Aqui lhe acudio hum pensamento do Ceo todo em seu favor lembrando-lhe , que era lei antiga , & condição do amor penar , & padecer quem ama. Nenhum amante , lhe dizia , vive sem cruz , & tormentos , & he bem de veras martir todo aquelle , que frequenta a escola do amor. Quanto mais rezão he logo que sofra , & que trabalhe quem

quem pretende hũa tão alta, & tão insignificante senhora por esposa & por amiga? Vede a que desastres, a que enfadamentos, & contrastes se fogeitão, & a seu pesar esses amadores do mundo. Com estas, & outras inspiraçoens semelhantes cobrava esforço pera perseverar, & vinhãolhe a meude. E assi hora estava de bom animo, hora tornava a abater a afeição às cousas transitorias. Andando nestas voltas sempre topava com algũa cousa, que contradizia sua perfeita conversão, & por esta razão variava pendendo hora a hũa parte, hora a outra. Hum dia estando à meia ouvio ler hum passo da escriptura sagrada que falla da sabedoria, com que se abrazou vehementissimamente, era o passo este. Eu estendi meus ramos como theribintho, & os meus ramos são de honra, & de graça; como libano não cortado, perfumei minha morada, & como balsemo sem mistura he o meu cheiro, quem me achar, achará paz, & alcanará faude do Senhor. Isto fallava da sabedoria: & do amor sensual, & deshonesto dizia o seguinte. Achei huma mulher mais amargosa que a morte, que he laço de caçadores, seu coração rede, & suas mãos grilhoens, quem agrada a Deos escapará, mas quem he peccador, será por ella cativado. A isto

isto

isto levantava entre si hum grande brado ,  
& dizia. Claramente são isto verdades.  
Hora de todo em todo me resolvo de  
tomar por esposa a sabedoria. Já tenho  
assentado de me cativar de seu amor ,  
& entregarme todo a seu serviço. Ah  
quem tivera lugar de a ver , & fallar-  
lhe , inda que não fora mais que hũa  
fò vez. Ah quem soubera , que cousa  
he , ou que feição tem , quem pregoa  
de si cousas tão maravilhosas ! quem tan-  
tas cousas , & tamanhas permite ? He  
por ventura Deos, ou he homem ? He ho-  
mem , ou he mulher ? He sciencia , ou  
he sagacidade ? Ah quem soubera o que  
he. Ardendo nestes desejos mostroulhe o  
Senhor huma visão , que quanto aos si-  
naes , & ao que da eterna sabedoria se es-  
creve nos passos que temos referido , &  
noutros da Sagrada Scriptura , ficoulhe fa-  
cil de conhecer ser ella. A visão era esta.  
Passava por cima delle ao longe em hũa  
columna de hũa nuvem , hia sentada em  
hum trono de marfim , resplandecia co-  
mo a estrella da alva , & como o Sol quan-  
do està em sua força , por coroa tinha a  
eternidade ; por manto , bemaventuran-  
ça ; por pratica , suavidade ; por braços  
para abraçar , enchentes de todo o bem.  
Estava perto , & andava longe , era so-  
berana , & humilde , estava presente ,  
& es-

& escondida , mostravase conversavel , & toda via não se podia travar della. Era mais alta , que os mais altos cumes do Ceo , & mais profunda que o abismo : chegava de cabo a cabo com fortaleza , & ordenava tudo com suavidade. Quando lhe parecia , que estava todo enlevado na belleza de hũa fermosa donzella , mostravelhe em figura de hum bellissimo mancebo , algũas vezes se lhe offerencia como mestra destrissima em todas as artes ; amiga , & graciosa pera todos ; em fim voltandose a elle aprazivelmente , & agazalhando com a boca chea de riso , mas não defacompanhada de huma magestade celestial , falloulhe amorosamente estas palavras. Dame filho teu coração. Então elle derribado a seus pès com toda a humildade , & entranhavel affecto lhe rendeo as graças. Este favor lhe foi concedido por esta vez , & nunca mais o póde alcançar outra. Depois disto andando pensativo , & com todo o entendimento embebido , como tinha de costume , nesta divina sapiencia , como era de sua natureza affeçoado vintilava entre si esta questão amorosa. Donde , ou de que fonte saio o amor , & a graça de ser amado ? Donde nace a fermosura , a belleza , a boa sombra ? Donde vem toda a outra perfeição ? He possivel que tudo isto

B

mana

..9100001

mana daquelle principio fertilissimo da di-  
vidade? A vos me vou logo ó abismo  
immenso, & inexausto de tudo o que  
merece ser amado. A vós amo com o co-  
ração, cos sentidos, & com alma. A  
vós abraço, que ninguem mo tolhe,  
com entranhavel affecto deste meu abra-  
zadõ spirito. No meo destes pensamentos  
lhe acontecia algũas vezes communicarfe-  
lhe o mesmo senhor, que he fonte, &  
corrente de todo o bem: no qual junta-  
mente achava toda a fermosura, & tudo  
aquillo que só merecesse ser amado, &  
desejado, & tudo alli estava junto por  
modo, que não ha palavras com que se  
possa contar. Daqui lhe ficou em custu-  
me que todas as vezes, que ouvia referir,  
ou cantar versos amorosos logo corria co  
alma, & co coração à sua amada de  
quem procede tudo o que he digno de ser  
amado: & furtando de certo modo a vis-  
ta do que tinha presente, se recolhia den-  
tro em si, ou se arrebatava. E não se po-  
de dizer quantas vezes com os olhos  
cheos de lagrimas largando sem termo a  
capacidade de seu coração a abraçou, &  
apertou consigo. Muitas vezes se avia  
com elle neste tempo a eterna sabedoria,  
como se ha hũa mãy com hum filho mi-  
nino pedindolhe o peito todo sumido en-  
tre seus braços: ella abraçandoo amoro-  
samente.

Anjos depois de matinas fizera oração por elle muito de proposito, & que em revelação lhe parecera que a levarão a hum lugar onde o Santo estava, & vira crescer sobre elle hum rosal grande de largura, & comprimento, & muito delectoso, cheo de frescas rosas, & todas encarnadas. Logo levantando os olhos vira nacer o Sol com admiravel claridade, & sem nenhum impedimento de nuves, & vira estar em pé no meio de seus raios hum menino de singular fermosura em figura de crucificado, & do mesmo Sol sair hum raio que hia dar no coração do Santo com tanta força, & efficacia que todos seus membros, & todas as veas se lhe abrafavão. Aqui o rosal com sua espessura, & abundancia de rosas porfiava por tomar em si a força do Sol, & desviallo do seu peito, mas não fazia nada, porque os raios ardentes penetrando pella rama, hião ferir no coração da Santo. Trás isto via o menino sair-se do Sol, & ella dizialhe. Pera onde ides bom menino? Voume, disselhe, pera o meu amado servo. E que quer dizer, amorosissimo menino, replicava ella, aquelle raio do Sol que arde em seu peito? saberàs, respondeo o menino, que lhe enchi o coração de tanta luz, & claridade porque huma reverberação que della hade sair de

sup G ii seu

seu peito me hade ganhar, & reduzir a meu serviço muitas almas. Nem hade ser parte este espesso rosal, que significa hum grande numero de tribulaçoens, que lhe estão guardadas, pera estorvar que se effeitue por elle o que digo com grande perfeição, & excellencia. Como sobre todas as cousas que servem pera os principiantes na virtude seja mais proveitosa de todas a vida solitaria, pareceo ao Santo que feria conselho mui acertado não sair do mosteiro por tempo de dez annos, ou mais, & viver allí apartado do mundo, & de todo o comércio, & trato das gentes. E allí em saíndo do refeitorio fechavase em seu oratorio, & ahi se deixava estar sem chegar nunca à portaria, nem querer falar com mulheres, nem conversar com homens, nem ainda verhes o rosto. Tinha limitado aos olhos hum termo certo, & esse bem estreito donde não avião de passar com a vista, & era espaço de cinco pès. Sempre estava em casa, não saíndo, nem à villa, nem aos lugares vizinhos, tratando sò de si naquella quietação solitaria, mas não lhe valerão tamanhas cautellas pera deixar de ser cometido no mesmo anno de tão fortes prefeguiçoens, que todos lhe avião lastima, & elle mesmo a tinha de si & para passar melhor a soidade daquelle Oratorio, em que

que

que se tinha voluntariamente encarcerado sem grilhoens, como em huma prizão, rogou a hum pintor que lhe debuxasse pellas paredes os Padres antigos com letreiros de algumas sentenças suas, & outras historias pias, que pudessem espertar, & obrigar a sofrimento hum espirito attribulado. E nisto permittio Deos tambem que se lhe não comprissem logo seus desejos. Porque começando o pintor a obra, & não tendo lançado mais que o primeiro rascunho de carvão em algumas figuras dos Padres, adoeceo dos olhos de maneira que não pôde ir por diante: & affi se despidio, affirmando que era forçado largar a obra no estado em que estava, até convalecer. E sendo perguntado quanto tempo avia mister pera cobrar saude, & poder tornar ao trabalho? respondeu que tres mezes. Então o Santo mandoulhe que tornasse a levantar a escada, & sobindo nella poz as mãos pellas imagens dos Santos, & tocando com ellas os olhos enfermos do pintor disselhe. Eu te mando pintor em virtude de Deos, & da santidade destes Padres, que tornes aqui a manhã com os olhos de todo saõs, & salvos. Quando amanheceo tornou o pintor ao mosteiro saõ, & alegre dando graças a Deos, & ao Santo pella merce, & restituição da vista que tinha perdida: mas

o San-

o Santo attribuiu este milagre aos Santos Padres em que primeiro poz as mãos, & não a si. Parecia naquelle tempo que tinha Deos dado licença a todos os demonios, & a todos os homens pera o perseguirem. As vexações que padeceo dos demonios forão innumeraveis, porque o atormentavão de dia, & de noite, acordado, & dormindo, com insolencia, & importunação grandissima, & apertavão com elle terrivelmente per modos asperos, & extraordinarios. Aconteceo huma vez que desejou de comer carne, que muitos annos avia não tinha comido, tanto que satisfez a vontade teve huma visão na qual vio hum feissimo demonio, que posto diante delle referio hum verso dos Psalms que diz. Ainda estavão com o comer na boca, & a ira de Deos veio sobre elles. E ladrando feamente disse para os circunstantes. Este frade he digno da morte que eu agora lhe darei, & acudindolhe todos & não consentindo tal, arrancou de huma grande verruma, & disse ao Santo. Iá que me não deixão fazerte outro dano, eu te atormentarei o corpo com esta verruma, & furandote com ella essa boca, fartehei tanto mal, & causar-tehei tamanhas dores, que iguaem o gofeto que te deu a carne que comeste. E logo lhe meteo a verruma pella boca com que  
num

num momento lhe incharão as queixadas, & gengivas, & toda a boca de maneira que em tres dias, nem carne nem outra comida nenhuma pode levar, nem ainda hum caldo, nem outra coufa liquida.

### CAPITULO XXIII.

*De algumas tribulaçoens que o Santo padeceo interiormente.*

**E**Ntre outros trabalhos que o Santo teve, tres interiores o affligirão penosissimamente. Hum destes era pensamentos de infidelidade. A toda a hora lhe combatia a alma huma continua imaginação, que secretamente lhe dizia, que como podia ser, ou se podia crer fazerse Deos homem? ajuntando outras blasfemias muitas semelhantes a esta, as quais quanto mais o Santo queria rebater com argumentos tanto mais se embaraçava. Esta tentação o martirizou nove annos chorando sempre dos olhos, & suspirando dalma a Deos, & a todos os Santos por socorro do Ceo. Em fim tanto que ao Senhor lhe pareceo tempo livrou o totalmente della, & deulhe hũa grande firmeza de fê clara, & allumiada. O outro traba-

trabalho foi hũa extraordinaria tristeza ; quasi continuamente o apertava com tamanho pezo de malencolia , que parecia que trazia sobre o coração hum monte inteiro. Este mal lhe ficou em parte da grande vehemencia , com que se converteo a Deos , que como sua conversão foi repentina , & efficacissima ficoulhe dahi huma ansia , que por estremo o afadigava. Oito annos viveo o Santo neste tormento. A terceira afflicção que teve foi huma tentação , que pretendia persuadillo que não era possivel salvarse , mas que o certo era que avia de ser condemnado as penas do Inferno, que por mais boas obras que fizesse , & por mais penitencias que em si executasse , nenhuma cousa lhe avia de aproveitar pera chegar a ser do numero dos escolhidos , antes perdia o trabalho , & o tempo que nelle empregava. Estes pensamentos , como afiados punhaes lhe atravessaváo o coração de dia , & de noite. Se entrava na Igreja ou entendia em algum outro acto de virtude , logo o combatia esta tentação , & aperriavao miseravelmente , dizendo. Que te aproveita , dize , servir a Deos se já es maldito , se já eternamente não podes ter remedio ? Acaba já , deixate com tempo de trabalhos , que de qualquer maneira que viveres a sentença de tua perdição está

tà

rà dada. Conhecendo o Santo a força que lhe fazião, chegava algumas vezes a estar fantasiando assi consigo. Ai de mim desaventurado, aonde me irei? se deixo a Religião tenho a condenação certa; se persevero nesta vida, tambem me não hei-de salvar. O' Deos eterno, quem ouve nunca no mundo mais desditoso que eu? Outras vezes ficava como pasmado, sem fazer mais que dar muitos ais arrancados das entranhas, correndolhe as lagrimas em fio pello rosto abaixo. Alguma vezes batia nos peitos dizendo. Que em fim Senhor Deos he forçado, & sem remedio perderme eu? Que miseria pôde aver maior que esta? Tanto vai em não possuir eu nenhum bem nesta vida, nem na outra: pobre de mim para que naci no mundo? Esta tentação lhe procedeo de hum medo desordenado, que tomou por lhe dizerem, que fora recebido no mosteiro por razão de certos bens temporaes, & que era peccado de simonia quando se negociavão bens spirituaes com emprego de fazenda temporal; isto lhe ficou assentado na memoria até vir a dar nesta tentação. Mas no cabo de dez annos de martirio, em todos os quais não fazia conta de si, senão como de homem condenado, foy ter com o santissimo vará Echar-do doutor em a sagrada Theologia, com  
cujo

cujo conselhlho , dandolhe conta de sua afflicção ficou livre , & quieto saindo de hum carcere infernal em que tantos annos estivera preso.

### C A P I T U L O XXIII.

*De como o Santo começou a entender no remedio , & salvação dos proximos.*

**S**Endo passados muitos annos que o Santo não tratava em mais que em purificar sua alma , & viver em silencio , & soidade , foy despois movido por Deos , & obrigado por meio de muitas revelaçõens a tomar cuidado de salvar outras almas. Mas não tem fim , nem conto os grandes trabalhos que neste serviço de charidade se lhe offerecerão , & menos o tem de outra parte a infinidade de almas , que ganhou pera o Senhor ; o que tudo foi mostrado huma vez em revelação a huma donzella de grande virtude , que tambem era sua filha espiritual : estando em oração esta Santa Virgem , foi arrebatada em spirito , & vio ao Santo que sobre hum alto monte estava celebrando o sagrado sacrificio da Missa ; & vio que estavão pegados com elle hũa infinidade de

de

de homens, & todos differentes entre si : dos quais os que estavam melhor, & mais unidos com Deos, estavam tambem mais perto do Santo & quanto estavam mais chegados a elle, tambem o Senhor os chegava pera si com mais amor, & via ao Santo rogar por todos de proposito ao Senhor que tinha nas mãos. Pedio a Santa Virgem a Deos que fosse servido declararlhe esta visão : o que o Senhor lhe concedeo, dizendolhe assi. Ves aquelle concurso de homens sem conto, que estão pegados nelle? estes saberas que significão os seus confessados, que vivem entregues a seus conselhos & Santa Doutrina; & aquelles que fora disto com particular fê, & boa vontade o amão, aos quais todos me tem encomendado com tal efficacia, que não eide consentir que nenhum delles se aparte de mim já mais, antes farei que acabem a vida Santa, & bemaventuradamente & a elle pagarei largamente, com consolaçoens minhas, o trabalho que por esta causa passar, ou seja tomado por suas mãos ou negoceado por poder alheo. Antes que a Santa donzella, que na virtude era finalada como temos dito, conhecesse a Fr. Henrique foi interiormente movida por Deos a que procurasse vello. E aconteceu que estando hum dia arrebatada em extasi, ouvio em re-  
vela-

velação que lhe dizião que chegasse ali onde estava Frei Henrique, & que o visse. E como ella respondesse que o não podia differenciar, nem conhecer pello grande numero de frades que via juntos, ouvio logo que lhe tornavão a dizer o seguinte. Sem muito trabalho se pôde conhecer entre todos, porque traz na cabeça hũa bem fresca capella de boninas tecida de rosas brancas, & encarnadas. E as rosas brancas significação sua castidade, as vermelhas sua paciencia, no meio de muitas, & continuas tribulaçoens. E assi como aquelle circulo douro, que se custuma pintar sobre as cabeças dos Santos he final da bemaventurança eterna, que gozão no Senhor, assi esta grinalda de rosas significa muitas, & diversas tribulaçoens, que os amigos de Deos padecem em quanto nesta vida exercitão valerosamente a milicia de seu Deos, & Senhor. Passado isto levou hum Anjo em revelação a mesma donzella ao lugar onde Fr. Henrique vivia, & logo o conheceo pella capella de rosas, que tinha posta. Nestes tempos em que o Santo era por muitas maneiras, & rigorosamente atribulado, a cousa que mais o confortava, & interiormente lhe dava animo para tudo, era huma continua conversação, & trato que tinha com os Anjos. E huma vez lhe aconteceu que ficando

outras coufas a este modo. Mas tanto que o Santo o soube , mandoulhe os avisos seguintes. Ià que , filha minha , determinastes seguir a vida espiritual , & governalla por meu conselho , & assi mo pedistes , o que agora aveis de fazer ha de ser deixar esse rigor , & aspereza , porque nem diz bem com a fraqueza feminal , nem he necessaria para huma natureza bem inclinada , qual he a vossa ; que não disse Christo , tomai a minha Cruz sobre vossos hombros , mas diz leve cada hum sua Cruz. Não he razão que queirais imitar o desmedido rigor dos Padres antigos , nem as asperas penitencias de vosso Padre espiritual , mas basta que dellas tomeis sò algumas , com que possa vossa compreensão fraca , para que assi tragais sopeados os vicios , & a carne , & não encurteis a vida , que este he hum excellente , & que muito vos arma. Mas querendo a devota donzella saber do Santo que razão ouvera para se elle dar a tão cruas penitencias , quando nem a ella , nem a outrem as aconselhava , nem consentia ; elle a remeteo aos livros das vidas dos Padres dizendo. Contase que ouve antiguamente alguns Padres , que fizerão vida tão fora da commum , que quasi não tinha nada de humana , & tanto mais austera do que se pòde crer , que nem sò ouvilla contar podem

podem os homens deste tempo, digo os que são pera pouco, sem se lhe arripiarem os cabellos, & pasmarem. E isto nace de não ponderarem quanto pôde fazer, & passar por Deos hum desejo afevorado, & hum valor grande ajudado do mesmo Deos. A hum homem que assi ama, tè o impossivel se lhe torna facil, & chão em virtude de Deos: por onde diz David nos Psalmos. *Em meu Deos passarei o muro.* Mas tambem se acha nas mesmas vidas dos Padres que ouve outros que não seguirão este rigor de vida, & toda via huns, & outros tiravão ao mesmo fim. S. Pedro, & S. Ioão ambos forão Apostolos, & não forão levados pello mesmo modo. Quem poderà resolver, & declarar estas differenças, que na verdade são muito para espantar, senão for dizendo, que he Nosso Senhor espantoso em seus Santos, & que quer ser louvado per diferentes maneiras, conforme às muitas, porque he grande, & poderoso. Depois disto não temos todos a mesma complexão, nem as mesmas forças. Donde vem que o que aproveita a hum, faz nojo a outro. E assi não se ha de cuidar, que quando hum homem por ventura se não atreve com tanta aspereza, fica por isso atalhado para não poder subir ao mais alto grão de perfeição. Mas  
tam-

tambem hão de advirtir os que são fracos, & para pouco que não ha de desprezar, nem tachar, nem lançar a peor parte as penitencias, & austeridades grandes, que virem nos outros. Cada hum tenha conta consigo só, & trabalhe por entender, o que Deos delle quer, & com isto cumpra, sem se empachar com o que fazem os outros. Pella maior parte o melhor, & mais seguro he darse homem à penitencia regradamente, & com prudencia, antes que fazer demasias indiscretas. E porque he dificultoso acertar com este meio, he melhor conselho ficar antes à quem hum pouco, que passar além mais do que he razão. Porque acontece muitas vezes quando queremos apertar demasiado com a natureza, ser despois forçado, para se restaurar, favorecella, & animalla com a mesma demasia. Ainda que he bem verdade que muitos Padres insignes em virtude, & santidade passarão nesta parte os termos, obrigados de ardentissimo fervor. Esta rigurosa ordem de vida, & os exemplos de rara severidade dos Santos sirvão para aquelles que desordenadamente são amigos de si, & se tratão com muito mimo, & brandura, & que determinadamente largão as redeas ao corpo furioso, & desentreado para sua perdição. Mas não convem para  
vòs,

vòs, nem para gente composta das vossas calidades. Tem Deos Nosso Senhor differenças de Cruzes com que prova, & castiga seus servos; & eu cuido certo, que vos quer elle lançar às costas huma, que não será menos trabalhosa que a desta penitencia corporal que vòs tomais. Quando chegar não lhe façais mau rosto. Não passou muito tempo que começou Deos a tentar com doenças compridas esta donzela, que foram continuando, de maneira que em quanto viveo, não teve hum dia de saude; o que logo escreveo ao Santo avisandoo como se compria nella o que lhe tinha profetizado. E o Santo lhe respondeo assi: Charissima filha não me tomou só Deos por instrumento de vos notificar dante mão vossas tribulaçoens, mas tambem me castigou a mim, & me fez assaz mal, dando volas, visto como não tenho outrem ninguem, que daqui em diante me possa ajudar acabar as obras que tenho composto, & fazer outras de novo com o cuidado, & verdade que vòs fizestes em quanto tinheis saude. Por esta causa fez oração a Deos por vòs hum servo seu pedindolhe de coração, que se fosse servido, vos quizesse dar saude. Mas não sendo logo ouvido como desejava, agastouse com Deos com huma amorosa indigna-

dinação, & disselhe que não avia mais descrever d'elle, nem lhe avia mais de fazer huma devota saudação que costumava pellas manhaãs, se vos não sarasse. E recolhendose assim apaixonado, & queixoso a seu Oratorio, assentouse hum pouco como tinha de costume. Aqui ficando roubado aos sentidos, parecialhe que vinha hum grande numero de Anjos que entravão pello Oratorio; & pello recrearem, porque andava neste tempo avexado de huma extraordinaria afflicção, lhe davão huma musica celestial. E perguntandolhe os Anjos porque estava assi triste, & não chegava a ajudallos a cantar, confessoulhes a paixão de sua alma, que o obrigara a agastarse contra Deos, porque não queria ouvir as oraçoens que por vossa suade lhe fazia. Mas os Anjos persuadiãono que sossegasse, & não pudesse assi, porque se Deos permittira padecerdes indisposiçoens era para grande proveito vosso, & que esta avia de ser a vossa Cruz neste mundo, a qual vos renderia muita graça na vida presente, galardão mui aventajado na futura. Por onde filha tende paciencia, & recebei este trabalho da mão da providencia divina, com não menos boa sombra, que se fora huma mercê de muito gosto vosso.

## CAPITULO XXXVIII.

*Em que o Santo conta outras devaçoens que fazia em seus principios, & humas visoens que teve no mesmo tempo.*

**H**Um dia foi o Santo visitar a donzella Isabel que estava enferma, & ella pediolhe quisesse praticar alguma materia espiritual, que não fosse das mais sobidas, & todavia alegrasse huma alma devota. Começou então o servo de Deos contar suas devaçoens de quando era moço. E falando de si por terceira pessoa com nome de Ministro da Sapiencia, nome que elle muito estimava, dizia assi. Sendo o Ministro da Sapiencia ainda muito moço, & de seu natural mui esperto, costumou muito tempo, todas as vezes que succedia sangrar-se, recolher-se consigo, & imaginar-se no monte Calvario de fronte de Christo posto na Cruz: então estendendo o braço ferido da lanceta, dizia com profundos sospiros. Senhor Iesu Christo, a quem amo sobre todos quantos amigos tenho, peçovos que tendais lembrança do costume que corre entre os homens; que he, quando se tirão sangue  
irem-se

iremse 'por casa de seus amigos , & cobra-  
rem em sua companhia outro fadio , &  
melhorado. E bem sabeis vòs , Senhor  
meu , que a ninguem quero eu mais que  
a vòs. Por isso me venho aqui para que  
benzais esta ferida , & me crieis novo ,  
& bom sangue. Nos mesmos annos da  
mocidade , depois que fazia a barba a  
navalha como era muito gentilhomem ,  
ficavalhe o rostro cuberto de huma cor  
rosada graciosissima , vendose assi falava  
com Christo dizendo : Dulcissimo Iesu  
inda que esta face se aventajara em cor a  
todas as mais bem coradas rosas da terra ,  
nunca offerecera a ninguem senão a vòs  
fò , isto que o mundo chama fermosura.  
E sem embargo que vos pagais mais de  
coraçõens , & menos do que parese de  
fora : com tudo folga minha alma de dar  
esta mostra do que vos ama , offerecen-  
dovos a vòs , & não a outrem ninguem  
este exterior. Quando lhe acontecia ves-  
tir tunica nova , ou por capello novo ,  
recolhia-se no Oratorio , & fazia oração  
ao Senhor , de cuja mão reconhecia  
aquellas peças , & pedialhe que ouvesse  
por bem que elle as lograsse com saude ,  
& acabasse de rompellas. Na idade mais  
tenra , quando entrava o verão , & co-  
meçavão a defabotoar as flores , tinha  
por costume , não tocar , nem colher ne-

nhuma, sem primeiro fazer huma capella alegre, & muito fresca para sua senhora espiritual a eterna Sabedoria, na qual a primeira que punha era sempre em honra da Virgem mai de Deos. Depois quando lhe parecia tempo apanhava outras flores, não desacompanhadas de considerações amorosissimas, & trazendoas à cella tecia grinaldas, & entrava no Choro, ou sobia ao altar de Nossa Senhora & posto de joelhos com grande humildade diante de sua imagem, coroa-va com ellas respeitando consigo que esta Senhora era a mais aprasivel flor de todas as flores, & o mesmo verão, & frescura de sua alma, & rogavalhe que não engeitasse da mão de seu servo as primicias das flores que lhe offerencia. Hum dia tendo posto huma capella a sua amada Senhora a Eterna Sabedoria, teve huma visão, na qual lhe parecia que via o Ceo aberto, & os Anjos voar decima para baixo vestidos de roupas ricas, & louças: Iuntamente lhe feria as orelhas huma musica a mais suave, & deleitosa de quantas já mais se ouvirão na terra, que là na Corte celestial estavam dando aquelles bemaventurados espiritos. Particularmente entendeu que cantavão hum verso da Máy de Deos, que dizião a vozes com tão acordada harmonia, que toda  
a alma

a alma se lhe derretia de gofio. Era o verso femelhante a hum que se canta na festa de todos os Santos na fequentia , que diz. *Illic regina Virginum transcendens culmen ordinum &c.* Eo ministro começou acantar juntamente com elles. Ali alcanfou fua alma grandes enchenes de gloria do Ceo , & ardentes defejos de fervir a Deos. Outra vez na entrada de Maio tinha coroadado de rofas , feundo feo coftume , a Imagem de Nossa Senhora com grande devação. E no dia fequinte de madrugada defejava de dormir , que viera de fora cansado , determinando deixar por aquella vez a falva que coftumava dar à Virgem àquellas horas. Mas quando chegou à em que fe coftumava levantar para efa devação , parecialhe que fe achava como encerrado em hum Choro celeftial , onde fe eitava cantando huma Magnifica em louvor da Virgem. A qual acabada chegavafe a Virgem a elle , & mandavalhe que começafe a cantar o verso que diz : *O vernalis rofula &c.* Elle ficava penfativo imaginando que feria , o que lhe queria fignificar nifto , & todavia querendo obedecer começou o a cantar defepejadamente. E logo de hum grande ajuntamento de Anjos que affiftião no Choro , fairão tres , ou quatro , & juntos com elle forão tambem cantando , & traz efs

tes

tes se vierão chegando todos os que estavam na casa como à porfia, & cantavão com tamanho estrondo, & melodia juntamente, como se soaram juntos todos quantos instrumentos ha na musica. Mas não podendo a humanidade fraca sopportar aquella extraordinaria gloria, tornou o Ministro em seu acordo. Outra vez tambem alcançou chegar à vista dos gostos soberanos da Patria Celestial, & foi hum dia despois da festa da Assumpção da Virgem. Mais nesta visão não se lhe consentia a elle nem a ninguém mais que ver de fòra, porque deixavão entrar quem vinha desconpostamente, & fazendo o Ministro força por entrar, vio que hum mancebo lhe travava do braço dizendo. Irmão meu não ha para que cuidar que aveis de ter lieença para entrar cà desta vez. Deixaivos estar aqui fòra, pois estais obrigado a huma divida, & convem remirdes vossa culpa com bastante satisfação primeiro que chegueis a ouvir as musicas do Ceo. Acabando estas palavras levouo por hum caminho tortido, & dependurado a huma cova sotteranea escura, & sò, & por estremo mal assombrada. Aqui estava sem poder sair para nenhuma parte, como hum preso aquem senão deixa ver Sol, nem Lua. E vendose assi cativo começava a suspirar profundamente, & queixarse com pranto,

& la-

No livro intitulado Discursos Varios  
Politicos, auctor Manoel Severim  
de Faria, impresso em Evora em  
1624. vem de Manoel de Sousa Cou-  
tinho este

## EPIGRAMMA.

Q UOD Maro sublimi, quod suavi Pin-  
darus, alto

Quod Sophocles, tristi Naso, quod ore  
canit.

Mæstitiã, casus, horrentia prælia, amores,  
Juncta simul cantu, sed graviore, damus.

Quisnam auctor? Camonius. Unde hic?  
Protulit illum

Lysia in Eoas imperiosa plagas.

Unus tanta dedit? Dedit, & maiora da-  
turus,

Ni celeri fato corripereetur, erat.

Ultimus hic choreis Musarum præfuit: illo  
Plenior Aonidum est, nobiliorque  
chorus.

Flos veteris, virtusque novæ fuit ille  
Camenæ:

Debita jure sibi sceptrã Poësis habet.

In Lusitanos Heliconis culmina tractus

Transtu-

Transtulit antra, Lyras, ferta, fluenta,  
Deas.

Currere Castalios nostra de rupe liquores  
Jussit, ab invito prata virere solo.

Cerne per incultos, Tempe meliora, recessus,

Cerne fatas sterili cespite, veris opes.

Omnibus Occidui rident tibi floribus  
horti,

Non ego jam Lysios, credo, sed Elysios.

Orpheus attonitas dulci modulamine  
cautes

Traxit, & ab stygio squalida monstra  
foro.

Thessalicos, Lodoice, sacro cum flumine  
montes

Pieridumque trahis, Cœlicolumque choros.

Sunt maiora tuæ Orpheis miracula vocis:  
Attica, quid faceres, si tibi lingua foret.

*Na Bibliotheca Lusitana, tom. 2. Art.  
Fr. Luiz de Sousa, vem de Manoel  
de Sousa Coutinho, feito na occa-  
siao, em que deitou o fogo ás casas  
da sua quinta de Almada, este*

## EPIGRAMMA.

**I**Nvide, quid nostris insultas ædibus?  
aut quid  
Exilio causas nectis, alisque moras!  
Molire, expone, implora, minitare,  
repose  
Vindictam, laqueos, jura, pericla,  
necem.  
Conjurent tecum fortuna, occasio, leges;  
Longe aliò nobis lis dirimenda foro est.  
Quos flama absumpsit, redolet mihi fama  
Penates;  
Ponet & æternam non moritura do-  
mum,













